

PROSTITUIÇÃO E EXPLORAÇÃO SEXUAL NA FRONTEIRA ACRE-PANDO (2000/2018)

LARISSA OLIVEIRA DOS SANTOS

RESUMO

No ano de 1996 foi realizado o congresso de Estolcomo que tinha como tema a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes. Dentro desse congresso foi aprovada uma declaração que define a exploração sexual comercial como: “todo tipo de atividade em que as redes, usuários e pessoas usam o corpo de um menino, menina ou de adolescente para tirar vantagem ou proveito de caráter sexual com base numa relação de exploração comercial, de poder. No presente artigo irei abordar a violência sofrida por adolescentes e mulheres, mais especificamente a violência que muitas das vezes se caracteriza como uma violência que é física, emocional, sexual, moral mas que também é psicológica. Da Matta (1986, p. 13), em uma afirmativa sobre a violência diz que, “o seu poder de mobilização é tão grande, que só se admite um posicionamento contra ou a favor, ou seja, o indivíduo em momento nenhum consegue se posicionar sobre a violência que sofre e não interpreta a violência que vive no momento em que acontece. O artigo sob o tema “A Prostituição e Exploração Sexual região Acre-Pando (2000/2016)”, abrangendo a temporalidade entre as primeiras décadas do século XXI contextualizará a efervescência da vulnerabilidade da criança que é explorada sexualmente e da adolescente e mulher que são ditas prostitutas. Entretanto, todos esses três sujeitos: Criança, Mulher e adolescente são exploradas sexualmente já que a prostituição não se restringe a um grupo seletivo. Busco também enxergar essas meninas como sujeito e como fazedoras de história.

Palavras-chave: Prostituição; Exploração Sexual; Fronteiras

ABSTRACT

In 1996 the Estolcomo congress was held, which had as its theme the commercial sexual exploitation of children and adolescents. Within this congress, a declaration was adopted that defines commercial sexual exploitation as: “all types of activity in which networks, users and people use the body of a boy, girl or adolescent to take advantage of or sexual advantage on the basis of relationship of commercial exploitation, power. In this article I will address the violence suffered by adolescents and women, more specifically violence that is often characterized as violence that is physical, emotional, sexual, moral but also psychological. Da Matta (1986, p. 13), in an affirmation about violence says that, “its power of mobilization is so great that only a position is allowed against or in favor, that is, the individual can not at position on the violence that suffers and does not interpret the violence that lives in the moment in which it happens. The article under the theme “Prostitution and Sexual Exploitation Acre-Pando (2000/2016)”, covering temporality between the first decades of the twenty-first century will contextualize the effervescence of the vulnerability of the child who is sexually exploited and of the adolescent and woman who are called prostitutes. However, all three of these subjects: Child, Woman and adolescent are sexually exploited since prostitution is not restricted to a select group. I also seek to see these girls as subjects and as storymakers.

Keywords: Prostitution; Sexual Exploitation; Borders

O presente artigo tem por finalidade identificar os aspectos sócio familiares que expõem a situação vulnerabilidade do sujeito à prostituição e exploração sexual na zona de fronteira Acre (BR) – Pando (BO), particularmente, nas cidades de Rio Branco, Epitaciolândia e Brasília, como parte de um processo de

pensar a Amazônia no plural, formada por várias outras Amazônias e que ao fim todas elas se interligam por possuir uma realidade bastante parecida (COELHO, 1992). Assim, se torna importante indagar: Quais fatores sócio familiares expõem o sujeito a uma situação vulnerável à prostituição?

Nesse sentido, a fronteira é aqui analisada como área pouco estudada e que ainda pesa sobre si uma visão de desconhecimento, pois a região norte é a que mais apresenta rotas para fins sexuais e, ao mesmo tempo, pouco se sabe sobre ela, ou seja, uma área que aparenta ainda não ter sido descoberta, a não ser pelas pessoas que a usam para fins de exploração sexual e tráfico humano. A fronteira se apresenta, também, como uma área abandonada pelo estado e de pouco desenvolvimento, principalmente por ser uma região de difícil acesso.

Nessa primeira parte, faz-se uma abordagem no que diz respeito às fronteiras que são usadas para fins sexuais, mas também uma abordagem de gênero, pois as relações entre a mulher que se prostitui e os homens que contratam seus serviços é uma relação hierárquica, que sempre foi vista com um olhar machista, pondo a mulher como culpada pela prostituição e o homem livre de toda a culpa, pois é algo “natural do homem”.

Faz-se também uma abordagem no que diz respeito ao seio familiar dessas mulheres e adolescentes, pois dentro das pesquisas feitas nota-se que as casas que se localizam nas regiões de fronteira deixaram de ser um lar e passaram a ser o local que essas meninas/mulheres correm mais perigo, pois, comumente, há sempre a presença do abuso sexual que parte da própria família.

Diante dessa perspectiva, uso como base para esse artigo autores como Maria Lúcia Leal e Maria de Fátima Leal que são organizadoras do Centro de Referências, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (CECRIA), Ana de Miguel que faz uma abordagem feminista sobre a prostituição e que se mostra fundamental nesse projeto, levando em consideração o viés de gênero, entre tantos outros autores que são extremamente importantes dentro da pesquisa.

Portanto, o entendimento que sobressai das matérias e informações contidas nos sites online pesquisados, em andamento, permite afirmar a existência de uma situação de vulnerabilidade social e familiar que estão submetidas crianças e adolescentes em espaços amazônicos de fronteiras, particularmente, da Amazônia Sul-Occidental.

O relatório nacional “Pesquisa Sobre Tráfico De Mulheres, Crianças e Adolescentes Para Fins De Exploração Sexual Comercial No Brasil” revela que:

De acordo com o Relatório da Região Norte as características geográficas e culturais da Amazônia (Acre, Rondônia, Pará, Roraima, Amazonas, Amapá e Tocantins), sua história e os planos para o seu desenvolvimento favorecem o processo de tráfico de seres humanos, através de: fronteiras extensas com sete países vizinhos; seu isolamento geográfico e precária infraestrutura, sem fiscalização nas fronteiras; migração desordenada; os projetos econômicos de geração de recursos temporários e muitas vezes predatórios; a frágil presença das instituições governamentais, tanto na promoção de direitos básicos quanto na garantia da segurança pública. (Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para fins de Exploração Sexual Comercial - PESTRAF: Relatório Nacional - Brasil, p. 77).

Na região norte o tráfico internacional é bastante comum. No Acre as adolescentes e mulheres traficadas são levadas para a Bolívia para se prostituírem do outro lado da fronteira nacional, nas proximidades do Brasil (CECRIA, 2002). Desse modo, a fronteira se apresenta com uma área bastante esquecida pelas leis e políticas públicas, pois em âmbito regional, nacional e internacional o processo de

tráfico humano para fins sexuais ainda é muito facilitado, de modo que não há uma fiscalização segura que garanta os direitos de mulheres, crianças e adolescentes na região de fronteira.

Das 241 rotas de tráfico de pessoas existentes no Brasil, 76 se localizam apenas na região norte, ou seja, a região que mais apresenta rotas para fins de tráfico humano e exploração sexual comercial em âmbito nacional e internacional (CECRIA, 2002). O presente trabalho também procura dialogar com o papel da mulher na região amazônica, considerando que é fundamental para entender esse papel, abordagens que tratem sobre a questão de gênero. A socióloga Márcia Maria de Oliveira (2010) afirma que “Num contexto de sócio-diversidade, para se compreender a “mulher amazônida” é necessário considerar inúmeros fatores de ordem cultural, política e econômica a partir da complexidade que é a Amazônia.

Partindo desse ponto, a prostituição e exploração sexual é um dos fenômenos mais abrangentes que existe, pois atinge desde a classe mais rica da população até a mais pobre e está presente em todas as regiões e em todas as culturas.

Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2013), o Acre ocupa o sexto lugar no ranking de mulheres vítimas de estupro, ou seja, um dos lugares mais perigosos para uma mulher viver. Isso mostra que há vários tipos de violência contra a mulher, seja a prostituição, a exploração sexual e até mesmo o estupro. Dados do Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (CECRIA, 2002) mostram que região norte é a que mais possui rotas para fins de exploração sexual e tráfico humano, apresentando um total de 76 rotas. Entretanto, é um assunto que precisa ser discutido, pois pode ajudar até mesmo as pessoas que passam por essas situações de vulnerabilidade.

Uma pesquisa de iniciação científica realizada no ano de 2009 por alunas da PUC de São Paulo - Campus Monte Alegre mostra que:

Por um lado, a prostituição não oferece barreiras intelectuais, físicas e financeiras, ou seja, não é necessário nenhum pré-requisito para se prostituir. Tudo o que é preciso saber pode-se aprender na prática. Assim como está escrito nas páginas do livro *Meninas da noite*, de Gilberto Dimenstein (1992:18): ‘elas não têm nada para vender. Não sabem ler, cozinhar, escrever. Só podem vender o único bem que possuem: o corpo’. (AMARAL, FERREIRA E PEREIRA, 2010, p. 02).

Por esse mesmo motivo, o presente trabalho parte de uma abordagem de gênero. Se por um lado a prostituição é vista como um trabalho como outro qualquer, vale ressaltar que por outro ele é tido como uma violação dos direitos humanos e uma mercantilização do corpo da mulher.

A filósofa espanhola Ana de Miguel (2012) mostra que a prostituição não é apenas um ato que resulta na troca de sexo por dinheiro, mas sim “uma prática através da qual é garantido aos homens o acesso grupal e regado ao corpo das mulheres” (p.59). Ou seja, a prostituição se define como muito mais que apenas uma troca de bens materiais, pois ainda pesa sobre ela um discurso de que “é a profissão mais antiga do mundo”, fazendo assim que com que haja uma naturalização, tanto da mulher prostituída, quanto do homem que contrata seus serviços. Nesse caso, não se analisa que a prostituição é uma construção histórica e que foi modificada e adaptada a cada época.

O sexo sempre foi e ainda é um motivo de tabu, o prazer sexual feminino muito mais. A relação sexual entre um casal se dava apenas após ao casamento e o único intuito era a reprodução sendo, portanto, a mulher proibida de sentir prazer, pois estaria ela cometendo um pecado mortal ao transformar o matrimônio num ato pecaminoso. Logo, as mulheres deveriam tolerar a traição de seus parceiros, pois eles precisavam sentir prazer e esse prazer se dava ou com escravas ou com prostitutas. As “mulheres de família” deveriam ser sempre submissas ao poder masculino. E esse poder masculino, não era apenas o de seu marido, mas ao de seu pai também.

As mulheres que não se encaixam nesse modelo, normalmente por conta da situação financeira ou por terem sofrido abuso sexual e com isso perdido a virgindade, eram as ditas prostitutas. Mulheres essas que tinham como função satisfazer os desejos sexuais masculino e evitar que as mulheres virgens fossem estupradas, pois tinha-se a ideia de que, havendo prostitutas que estavam à disposição dos homens, não haveria abuso sexual, sendo a prostituição considerada pela sociedade e pela igreja um mal necessário (PEREIRA, 1968).

Essas mulheres eram pobres, marginalizadas e acima de tudo dependiam da prostituição para se manterem e sustentar a família. O conceito “moça de família” veio dessa ideia de que a mulher de classe média alta tinha que ser virgem, viria de uma família tradicional e rica, e seria encaminhada quando casasse a outra família igualmente tradicional. Já a prostituta não era “de família”, pois se era prostituta bom histórico não teria e boa família muito menos. Seus filhos também não seriam vistos como “de família”, eles seriam reconhecidos pela sociedade como os “filhos da puta”. Logo, se a mulher prostituta não é um ser de bom caráter ou de boa índole seus filhos também não serão e atualmente é esse o significado que o termo “filho da puta” adquiriu. Nota-se como a classe social e o meio em que a mulher está inserida influência toda a sua vida e a vida de quem a cerca. Pode-se notar, também, como a mulher prostituta não é vista como mãe, como a palavra mãe e prostituta não fazem sentido nesse contexto, pois há uma imagem do que é o ser mãe. E o ser mãe e o ser prostituta em momento algum se ligam.

Muitos estudiosos apontam que quando o homem seringueiro veio para a região norte extrair seringa ele deixou em sua cidade natal sua mulher e seus filhos. Entretanto a autora Heloiza Lara aponta que a disparidade entre homens e mulheres não era tão grande assim. Monica Maria e Antonio Emilio Morga (2015) afirmam que:

Os homens que vieram em uma posição melhor, como patrões, profissionais liberais, cultores de letras e comerciantes, em sua grande maioria se fizeram acompanhados por mulheres e filhos, só que nem todas elas adentraram na mata, muitas preferiram estabelecer suas moradas nos “grandes centros” ou nas comarcas mais próximas aos seringais. (LAGE e MORGA, 2015, p. 92)

Ou seja, havia mulheres na Amazônia, mas, ao escrever a história da região, os historiadores esqueceram ou silenciaram a presença feminina nos seringais e na região norte como um todo.

Um problema recorrente nos seringais era a falta de mulheres, falta essa que preocupava os seringalistas, pois eles sabiam que se os seringueiros estando com seus desejos sexuais a flor da pele a qualidade de seu trabalho poderia diminuir, e seu lucro podia cair. E é então que surge a presença da dita prostituta. A procura por prostitutas foi tão grande que chegaram desde a encomendá-las às casas aviadoras até retirá-las à força dos cabarés de Manaus e enviá-las aos seringais.

A polícia de Manaus, de ordem do governador do Estado, fez requisição nos hotéis e cabarés dali de umas cento e cinquenta rameiras. Com tão estranha carga, encheu-se um navio cuja missão foi a de soltar, de distribuir as mulheres em Cruzeiro do Sul, no Alto Juruá. Houve destarte, um dia de festa e de maior pompa que se tinha visto (WOLFF, 1999, p. 86).

Monica Maria e Antônio Emilio Morga (2015) ainda afirmam que:

Nenhum estudo rigoroso foi feito sobre a história das mulheres que foram enviadas aos seringais do Amazonas para servirem como prostitutas. Pouco se sabe sobre a história que elas construíram ao chegarem aos seringais, quantas se adaptaram, quantas rejeitaram o novo modo de vida, quantas se casaram e constituíram famílias, quantas optaram por

continuar na vida do meretrício ou quantas retornaram a Manaus, estas são perguntas que ainda carecem de respostas. (LAGE e MORGA, 2015, p.102)

Dados do CECRIA (2002) apontam que a região norte é a que mais apresenta rotas para fins sexuais. Essas mulheres que são traficadas normalmente se encontram em situação de vulnerabilidade social e familiar:

Geralmente já sofreram algum tipo de violência intrafamiliar (abuso sexual, estupro, sedução, atentado violento ao pudor, corrupção de menores, abandono, negligência, maus tratos, dentre outros) e extrafamiliar (os mesmos e outros tipos de violência intrafamiliar, em escolas, abrigos, em redes de exploração sexual e em outras relações. (Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para fins de Exploração Sexual Comercial - PESTRAF: Relatório Nacional - Brasil, p. 60).

As rotas de tráfico na fronteira podem ser analisadas como “espaços de interconexão do crime organizado” (CECRIA,2002). Elas são construídas a partir de cidades que estão próximas da rodovia, portos e aeroportos (oficiais ou clandestinos). Utiliza-se também vias terrestres, aéreas, hidroviárias e marítimas. O quadro abaixo apresenta uma síntese das rotas para fins de exploração sexual na região de fronteira Acre-Pando.

Quadro I: Rotas de Tráfico externo (via terrestre)

| ROTAS DE TRÁFICO EXTERNO (VIA TERRESTRE) | | | | |
|---|----------------------------------|---|--------------------|--------------------|
| Rodovia | Origem | Destino | Tipo de transporte | Pessoas Traficadas |
| BR 317 | Brasiléia e Assis Brasil (AC) | Cobija (Bolívia) | Táxi | Adolescentes |
| ROTAS DE TRÁFICO INTERNO (VIA TERRESTRE) * | | | | |
| BR - 317 | Rio Branco | Brasiléia (AC) | Táxi e caminhão | Adolescentes |
| BRs - 364 e 174 | Rio Branco | Porto Velho, Guajará Mirim, Presidente Médici, Cerejeiras, Ji-Paraná e Ariquemes (RO) | Caminhão | Adolescentes |

(Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para fins de Exploração Sexual Comercial - PESTRAF: Relatório Nacional - Brasil).

Entre o poder público também se encontram barreiras aos casos de prostituição na fronteira amazônica. Encontra-se nos dados do Tribunal de Justiça do Estado do Acre um caso de 2003, onde Felipe Levy Lopes de Lima, jornalista, vai até a Bolívia para pesquisar casos de prostituição na fronteira e encontra 30 jovens, onde 2 são menores de idade. Ele denuncia esse caso para a polícia Brasileira

que afirma que começará uma investigação. Felipe Levy afirma, também, que no Acre há uma senhora chamada Maria Nazaré Freitas Costa, 46 anos, que agencia meninas no bairro Tancredo Neves, e no bairro estrada do Amapá. A senhora também possui um prostíbulo em Rio Branco. Apesar das denúncias, a polícia de Rio Branco não investigou o caso da senhora denunciada, e o caso das jovens que foram encontradas se prostituindo também seguiu sem repostas. No dia 04 de outubro de 2006 a juíza Lillian Deise Braga declarou extinto o processo e o caso continuou sem respostas. Logo, é possível notar que a prostituição fica cada vez mais difícil de ser extinta, ou ao menos reduzida pelo fato de que quem deveria ajudar a combater é quem fecha os olhos para o caso.

As regiões aqui trabalhadas: Epitaciolândia, Brasileia e Rio Branco são áreas que estão extremamente ligadas a zona de fronteira como Bolívia e Peru, rotas essas que são usadas para fins de prostituição e tráfico humano.

A fiscalização na fronteira ainda é algo que carece de mais atenção. As fronteiras são fiscalizadas e a cada ano o governo pede mais reforço. Entretanto, o reforço na fronteira diz respeito apenas ao combate ao tráfico de armas e de drogas, sendo a prostituição uma questão que fica fora dos debates.

A prostituição e exploração sexual de mulheres, crianças e adolescentes se dá por diversos motivos sejam eles pessoais, sociais, culturais e até mesmo familiares. Um dos principais é o núcleo familiar, pois essas mulheres/meninas que são inseridas nesse meio, comumente, apresentam problemas familiares como pai ausente, mães que já tem o contato com a prostituição, pais alcoólatras, pobreza e até mesmo o consumismo desenfreado, pois na busca de satisfazer seus desejos materiais, elas findam buscando um “modo fácil” para conseguir seu objetivo e para alcançar acabam oferecendo a única coisa que tem, o seu corpo.

Vale ressaltar também que o ato de educar cabe a todos e não somente a mãe, ou seja, o pai deve participar do processo de criação e não delegar essa função somente a escola ou a mãe. Uma família bem estruturada é fundamental para a formação do indivíduo como futuro membro de uma sociedade. A educadora Sílvia Gaspar (2011) chega a afirmar em uma entrevista que:

Atualmente vários estudos psicológicos comprovam que a relação pai, mãe, filho e irmãs é uma realidade tão profunda e intrínseca no ser humano que seu fracasso pode desencadear uma série de situações de desequilíbrio e sofrimento que vai do aspecto individual e psicológico, ao aspecto comunitário e social, até com patologias mais sérias. (Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com>).

Em 2016, ao fazer pesquisas em Brasília-AC foi constatado várias falhas graves, tanto do governo quanto da família. No âmbito do governo, pôde-se notar que, além do fato do município de Brasileia estar localizado em uma região fronteira, ainda havia problemas maiores, no que diz respeito as crianças e adolescentes que lá viviam. O município não oferecia nenhum curso profissionalizante nem público, nem privado, o que acarretava uma série de problemas, pois essas adolescentes acabam por não ter o que fazer em suas horas livres e a família fica tão vulnerável quanto a jovem, pois essas meninas, adolescentes e mulheres já enfrentam problemas desde o seio familiar. Normalmente há a ausência do pai, a mãe passa o dia fora e há casos em que a mãe já tem um contato com a prostituição. É comum também ver situações em que as jovens/mulheres sofrem abusos sexuais seja por parte do pai, padrasto, tio ou até mesmo um amigo da família o que finda por causar um problema psicológico.

Ou seja, uma área com aproximadamente 23.378 habitantes (Brasília) (IBGE, 2014) não possuía nenhum curso profissionalizante, o que mostra o total descaso do governo e das políticas públicas com a população e principalmente com as crianças e adolescentes, pois elas são as pessoas mais vulneráveis

a prostituição e exploração sexual para fins de tráfico humano. O que faz com que haja problemas na educação, no meio social em que elas estão inseridas e principalmente no seio familiar.

Nessa mesma pesquisa feita em Brasília, os dados do conselho tutelar mostram que adolescentes se envolvem com pessoas mais velhas, que ao invés de ajudá-las a sair do meio da prostituição, a inserem cada vez mais. Em um caso específico, o Conselho Tutelar de Brasília foi acionado, pois uma adolescente que morava no Ramal Nazaré sumiu durante a noite. O conselho tutelar encontrou a adolescente na casa de um senhor de idade onde o mesmo estava pagando dois mil reais para a adolescente ficar com ele.

Tarcísio José Martins Costa (2013), Juiz de Direito Titular da Vara da Infância e da Juventude de Belo Horizonte, Minas Gerais, fala sobre como é assustador a brutalidade que crianças e adolescentes sofrem:

O assustador de tudo isto, é que a brutalidade das crianças pelos próprios pais, padrastos e madrastas vêm transformando famílias no principal grupo de risco para o menor, sendo certo que a violência contra eles praticada nas suas diversas modalidades física, psicológica e sexual é cada vez mais democratizada e universal, pois ocorre em todas as categorias sociais, tanto na família pobre, como nas de classe média e alta, nos países em desenvolvimento e nos países ricos.

Logo, o lado financeiro não é o único a ser levado em consideração na decisão de adolescentes a se prostituírem. Os problemas familiares também são determinantes:

Uma brasileira de 16 anos foi resgatada na noite de anteontem de um prostíbulo em Ca-tuetê, no Paraguai, a 150 quilômetros de Ciudad Del Este, na fronteira com o Brasil, por deputados da Comissão de Direitos Humanos da Câmara [...] a menina deixou a casa dos pais, em Foz do Iguaçu, há nove meses [...] mãe e filha reconheceram que a menor saiu de casa porque era constantemente espancada pelo pai, que tentou até estuprá-la [...] (O Globo - RJ, 13/11/1997).

A família em que a adolescente se insere normalmente é marcada pela ausência do pai e “na prática o que se constata é a lamentável realidade de violência infantil, que possui na maioria das vezes como elemento causador comum, a família (FERMENTÃO E BERTOLINI, 2013). Vale ressaltar que a grande maioria das famílias formadas atualmente são matriarcais, ou seja, comandada por uma mulher que é a provedora da casa, que normalmente não é casada e não recebe a ajuda do pai das crianças.

Nos dias de hoje, o que identifica a família não é nem a celebração do casamento nem a diferença de sexo do par ou o envolvimento de caráter sexual. O elemento distintivo da família, que a coloca sob o manto da juridicidade, é a presença de um vínculo afetivo a unir as pessoas com identidade de projetos de vida e propósitos comuns, gerando comprometimento mútuo. (DIAS, 2009, p. 42)

Durante toda a pesquisa pode-se notar uma região de fronteira extremamente violada e um tanto quanto desassistida. Pode-se observar que a presença da mulher no meio da prostituição vai muito além de um simples querer e passa pelo viés das condições tanto familiares como sociais. Deste modo, o presente trabalho procurou demonstrar como as fronteiras se sobressaem como local de facilitação para o tráfico e exploração para fins sexuais e como as questões de gênero tem papel fundamental na violação dos direitos do outro.

Bibliografia

AMARAL. S.G.P, FERREIRA,I.B. & PEREIRA, M.C. Prostituição: opção ou determinação social?. PUC-SP, Campus Monte Alegre. 2010

- ÁLVAREZ, Ana de Miguel. La prostitución de Mujeres, una escuela de desigualdad humana. Revista Europea de Derechos Fundamentales • ISSN 1699-1524 Núm. 19/1er Semestre 2012. Páginas 49 - 74
- COSTA, Heloisa Lara Campos da. As Mulheres e o Poder na Amazônia. Manaus: EDUA, 2005, p. 97.
- COSTA, Tarcísio José Martins. A Desestruturação Familiar e a Conduta Juvenil Desviada. Disponível em: <<http://www.abmp.org.br/textos/312.htm>>.
- CANÇÃO NOVA. Famílias desestruturadas geram indivíduos desequilibrados. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/brasil/familias-desestruturadas-geram-individuos-desequilibrados/>. Acesso em 23 de junho de 2016.
- DIMENSTEIN, G. **Meninas da noite**: a prostituição das meninas escravas no Brasil. São Paulo: Ática, 1992.
- FERMENTÃO, Cleide Aparecida Gomes Rodrigues; BERTOLINI, P. C. G. . O PAPEL DA FAMÍLIA NA PROTEÇÃO DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA: UMA ANÁLISE À LUZ DA PROBLEMÁTICA DA PROSTITUIÇÃO INFANTIL. In: Mariana Ribeiro Santiago; Marcos Alves da Silva; Valéria Silva Galdino Cardin. (Org.). Direito de Família. 1ed. Florianópolis-SC: CONPEDI, 2013, v. 1, p. 264-291.
- Fronteiras na Amazônia: um espaço integrado / Pedro Motta Pinto Coelho. – Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 1992.
- GASPAR, SILVIA. Famílias desestruturadas geram indivíduos desequilibrados. Consultado em 15/04/2013 às 10:20 horas. Disponível em: <<http://noticias.cancaonova.com/brasil/familias-desestruturadas-geram-individuos-desequilibrados/>>.
- LEAL, Maria Lúcia, Leal, Maria de Fátima P., orgs. Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para fins de Exploração Sexual Comercial - PESTRAF: Relatório Nacional - Brasil / Maria Lúcia Leal e Maria de Fátima Leal, organizadoras. — Brasília : CECRIA, 2002.
- MORGA, Antonio Emilio e LAGE, Mônica Maria Lopes. Mulheres nos seringais do Amazona: sociabilidade e cotidiano. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 91 - 104, jan. / jul. 2015.
- COSTA, Tarcísio José Martins. A Desestruturação Familiar e a Conduta Juvenil Desviada. Consultado em 13/04/2013 às 12:00 horas. Disponível em: <<http://www.abmp.org.br/textos/312.htm>>.
- WOLFF, Cristina Scheibe; FÁVERI, Marlene de; RAMOS, Tânia Regina de Oliveira (Orgs.). **Leituras em rede gênero e preconceito**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.
- WOLFF, Cristina Sheib. Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890-1945). São Paulo: Hucitec, 1999.

Data de recebimento 10/11/2018

Data de aceite 22/12/2018